

O GÊNERO BIOGRÁFICO NO CAMPO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO: TRAJETÓRIA, TENDÊNCIAS E IMPASSES ATUAIS E UMA PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO*

Benito Bisso Schmidt**

RESUMO

O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação

O artigo propõe uma reflexão sobre o gênero biográfico no campo do conhecimento histórico a partir de quatro tópicos: 1) sua trajetória, 2) seu resgate pela historiografia recente, 3) seus impasses atuais e 4) uma proposta de construção de biografias a partir da perspectiva da vida cotidiana.

ABSTRACT

The biographical approach in the historical knowledge: trajectory, recent trends and problems and a proposal to researches

The article suggests a reflection on the biographical approach in the historical knowledge and analyses four questions: 1) its trajectory; 2) its use by the recent historiography, 3) its current problems and 4) a proposal to researches: the making of biographies emphasising the everyday life.

Considerada por muito tempo como um gênero menor, a biografia recuperou nos últimos anos seu prestígio junto aos historiadores. Como afirma TORRES, "*um vento de biografia sopra hoje sobre a história*" (1985, p. 141).

Os estudos biográficos recentes, embora herdeiros de uma longa tradição,

*Neste artigo apresento uma síntese do primeiro capítulo de minha dissertação de mestrado intitulada "*Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945)*" (Porto Alegre, PPG em História da UFRGS, 1996), orientada pela Profª. Sílvia R. F. Petersen.

Agradeço ao colega Cláudio Pereira Elmir que revisou a versão final do texto.

** Professor do Departamento de História da UFRGS. Mestre em História pela mesma Universidade.

apontam para problemas que estão no centro do debate historiográfico contemporâneo: as relações entre indivíduo e sociedade, entre unidade e fragmentação do social, entre narração e explicação e entre público e privado, para citar alguns exemplos.

Visando colaborar com esta reflexão, examino, no presente artigo, os seguintes tópicos: 1 - a trajetória da biografia em três importantes correntes que marcaram o conhecimento histórico a partir do século XIX: o positivismo, o marxismo e a Escola dos Anais; 2 - o resgate atual do gênero no âmbito da nova história francesa, do grupo contemporâneo de historiadores britânicos de inspiração marxista, da micro-história italiana e da psico-história; 3 - os principais problemas que normalmente se colocam ao pesquisador interessado em realizar uma pesquisa biográfica e 4 - a proposta de se construir uma biografia a partir da perspectiva da vida cotidiana.

Obviamente que o exame aprofundado de tais questões demandaria um levantamento bibliográfico mais exaustivo e uma reflexão mais refinada do que os possíveis neste espaço. Meu objetivo é sobretudo **mapear um campo de trabalho**, através do exame de algumas obras significativas, sintetizando e analisando pontos que normalmente aparecem dispersos na bibliografia.

1 - A TRAJETÓRIA DA BIOGRAFIA NO ÂMBITO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

Segundo LIMA F., “*as relações entre a biografia e a história são tão antigas quanto a própria história enquanto disciplina*” (1994, p. 2). Assim, a investigação sobre a trajetória deste gênero deveria ter como ponto de partida, pelo menos, a Antiguidade Clássica. Porém, uma abordagem de tal extensão ultrapassa os limites possíveis ao presente artigo. Por isso, iniciei minha análise no século XIX, quando a história se constituiu enquanto disciplina autônoma e com pretensões científicas. A partir daí, privilegiei três correntes que influenciaram profundamente o conhecimento histórico contemporâneo: o **positivismo**, o **marxismo** e a **Escola dos Anais**.

Auguste Comte, fundador do **positivismo**, assim se pronunciou sobre o papel do indivíduo na história:

“Em geral, quando o homem parece exercer uma grande influência, não é, de modo algum, por suas próprias forças que são muito poucas. São sempre forças exteriores que agem por ele, segundo leis sobre as quais ele nada pode. Todo o seu poder reside na inteligência que o põe

em condições de conhecer tais leis pela observação, de lhes prever os efeitos e, conseqüentemente, de fazer convergir para o fim que se propõe, desde que empregue essas forças de maneira conforme a natureza delas” (apud LOURO, 1983, p. 81).

Pelo trecho acima, pode-se perceber que o autor nega o voluntarismo individual e postula que a única ação possível dos homens na história consiste em desvendar as leis da evolução social e as pôr em marcha.

Contudo, a sua teoria, na forma como foi apropriada pelos historiadores, acabou privilegiando a atuação dos *grandes homens* e, portanto, dando destaque ao gênero biográfico. Tal apropriação deriva de alguns elementos intrínsecos ao positivismo.

Inicialmente deve-se salientar que a história feita com esta perspectiva enfoca predominantemente os acontecimentos políticos e tem por base uma abordagem empirista dos documentos públicos e oficiais, já que os historiadores positivistas aspiram a uma relação neutra e objetiva com o passado. Em conseqüência, apreendem sobretudo as ações individuais dos líderes políticos, mais *visíveis* em tais fontes. Além disso, devido à sua inspiração política conservadora, segundo a qual cabe aos *mais capazes* dirigirem a sociedade, esta historiografia centra seu foco nos homens ligados às elites políticas, militares, sociais e culturais a quem se atribui o fazer da história.

Partindo destes referenciais, os biógrafos positivistas celebram os *heróis* da sociedade, dignos de servirem de exemplo para seus contemporâneos. Interessa a estes pesquisadores os atos públicos e os *feitos notáveis* dos personagens enfocados, dispostos em uma narrativa cronológica e linear, que aponte para a *evolução* e para o *progresso* que tais indivíduos experimentaram ao longo da vida.

Um exemplo de trabalho produzido com este enfoque é o livro *“Homens ilustres do Rio Grande do Sul”*, escrito pelo historiador positivista gaúcho Aquiles PORTO ALEGRE (s/d) e publicado inicialmente em 1917. Nesta obra, o autor constrói uma série de biografias de *“rio-grandenses notáveis”* visando *“a educação cívica dos nossos jovens patricios, pondo-lhes diante dos olhos exemplos dignos de serem imitados”* (p. 13) .

Na biografia de Júlio de Castilhos, por exemplo, Porto Alegre diz que o mesmo *“foi um destes indivíduos excepcionais, vindos ao mundo para servirem de exemplo”* (p.p. 93-94) e um *“super homem de seu partido”* (p. 99). Neste texto é explícita a perspectiva elitista do autor - *“Ele nasceu para cativar almas, dominá-las, dirigí-las”* - e a idéia de que os *“grandes homens”* conhecem a *“marcha da história”* quando compara Castilhos a um *“profeta”* (p. 94). Saliento ainda que a atenção do autor recai exclusivamente sobre a

trajetória pública do biografado, descrita como uma evolução linear: da vida acadêmica na Faculdade de Direito em São Paulo até a glória na presidência do estado do Rio Grande do Sul.

Esta forma de se encarar a história e, conseqüentemente, as biografias produzidas sob sua égide, foram fortemente contestadas pelo marxismo e pela Escola dos Anais.

Marx encarava a história como um processo de desenvolvimento do indivíduo que só se completaria com o fim da sociedade de classes; até então a mesma se daria através de relações sociais que são “*indispensáveis e independentes da vontade dos homens*” (apud LUKES, 1988, p. 192). Segundo tal concepção, o primeiro fato histórico não é o homem mas sim a necessidade de produção da vida material: “*os homens têm uma história pelo fato de serem obrigados a produzir sua vida e de terem de o fazer de um determinado modo (...)*” (MARX, *s/d*, p. 35).

Comentando a postura marxista sobre o tema, diz LUKES:

“Enquanto filosofia da história (...) o marxismo propõe uma teoria do desenvolvimento do indivíduo, como, aliás, muitas outras teorias do século XIX. Como ciência social, rejeita as explicações elaboradas em termos dos propósitos, atitudes e crenças individuais, preferindo considerá-las, elas próprias, como matéria a ser explicada” (LUKES, *op. cit.*).

Em termos gerais, pode-se dizer que o marxismo descentrou o indivíduo na sua explicação da sociedade e da transformação social, condicionando a atuação deste a uma determinação mais ampla: a produção das condições materiais de existência. Por isto, as análises históricas construídas com tal inspiração enfocam sobretudo as grandes estruturas sociais, sobretudo a infraestrutura econômica, e o movimento de sujeitos coletivos, as classes.

O próprio Marx ilustra esta perspectiva no livro “*O 18 brumário de Luís Bonaparte*” (1978). Embora o título remeta a um personagem individual, o mesmo não assume, ao longo da narrativa, o papel de protagonista, permanecendo subsumido à dinâmica da luta de classes. Diz o autor: “*Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado*” (p. 329). Por este motivo, segundo ele, Luís Bonaparte não ascendeu ao trono devido às suas qualidades pessoais; ao contrário, foi “*a luta de classes na França [que] criou circunstâncias e condições que possibilitaram a uma personagem medíocre e grotesca desempenhar um papel de herói*” (p. 325).

Ainda neste sentido, LOURO comenta a posição de Engels sobre a relação entre indivíduo e história. Para ela, o autor:

“Chama atenção para que o historiador se preocupe menos com os grandes homens ou com seus motivos e sim mais com as ações continuadas que se traduzem em grandes transformações históricas. A história não é feita pelas decisões desses homens individualmente, como também não é resultado de algo que está fora dela.

Os homens fazem a história dentro de um contexto específico, com determinada base econômica e luta de classes. Engels afirma mesmo que o surgimento de um grande homem em determinado lugar é casualidade e assim, se ele fosse suprimido, haveria a necessidade de substituí-lo e outro então apareceria” (LOURO, op. cit., p. 84).

Percebe-se, assim, por que, na historiografia marxista, a biografia foi considerada como um gênero menor. Afinal, qual seria o sentido de se estudar trajetórias singulares se as mesmas têm um peso mínimo, ou nulo, na explicação das tramas históricas? Por que resgatar os indivíduos se estes podem ser facilmente intercambiáveis?

A **Escola dos Anais** emergiu como uma reação à historiografia de inspiração positivista. Os historiadores deste grupo, surgido em 1929, combateram a história política tradicional, centrada na atuação dos *grandes homens*; propuseram a colaboração com as ciências humanas menos atentas às ações individuais (especialmente a geografia, a sociologia e a economia); introduziram a noção de *história-problema* e reivindicaram uma *história-total*, preocupada com todos os aspectos do fazer humano.

Em sua fase inicial, que vai aproximadamente até a Segunda Grande Guerra, houve espaço para a produção de estudos biográficos, principalmente por parte de Lucien FEBVRE, um dos fundadores da revista *Annales*. Porém, seus trabalhos sobre Lutero (1956), Rabelais (1974) e Margarida de Navarra (1944) diferenciam-se substancialmente das biografias positivistas. Neste sentido, deve-se salientar que o autor reduz a autonomia dos *grandes personagens*, inserindo-os no contexto em que viveram, visto aqui como um limite para a livre atuação individual. Nas palavras de FEBVRE, “(...) o indivíduo é sempre o que sua época e o seu meio social permitem” (s/d, p. 221).

Além de inserir os personagens enfocados em redes sociais mais amplas, Febvre os toma como pontos de partida para reflexões sobre temas abrangentes, tais como: o protestantismo, no caso de Lutero; a possibilidade do ateísmo no

século XVI, no caso de Rabelais, e a relação entre religião e moralismo na mesma centúria, no caso de Margarida de Navarra. Enfim, em uma perspectiva de *história-problema*, as biografias febvreas não se esgotam em si mesmas mas servem como vias de observação da sociedade.

Com o início da *Era Braudel*, a biografia perdeu seu espaço nos *Annales*. A maioria dos historiadores deste grupo voltou-se para a história econômica e social, influenciados, em termos contextuais, pelos problemas da recuperação europeia do pós-guerra e, em termos teóricos, pelo paradigma estruturalista.

Fernand BRAUDEL, em artigo célebre de 1958 (1990), afirmou a existência de pelo menos três temporalidades na história: o tempo curto dos eventos e das ações individuais, o tempo médio das conjunturas e o tempo longo das estruturas. Para ele, a primeira temporalidade é a do jornalista por ser a mais superficial e caprichosa, devendo o historiador ocupar-se dos ciclos médios e das “*prisões de longa duração*”. Em seu livro mais importante (1983), profundamente influenciado pela geografia, o autor tomou como ponto de referência um *grande personagem*, o rei da Espanha Felipe II. Porém, como afirma LE GOFF, “*na célebre tese de Fernand Braudel, o herói é o Mediterrâneo e não Felipe II, mas aqui Braudel se distancia com efeito de seu mestre Febvre, o descartado do grande homem e da biografia pertencem mais à fase braudeliana dos Annales que ao período inicial*” (1989, p. 49).

Metodologicamente, a segunda fase da Escola dos Anais foi marcada pela quantificação, em que qualquer ação humana servia como um dado para a construção de amplas séries estatísticas, único meio capaz de captar os movimentos de longa duração. Imbuídos deste espírito, Pierre CHAUNU (*apud* ANDRÉS-GALLEGO, 1993, p. 20) e LE ROY LADURIE (*apud* STONE, 1991, p.p. 36-37) proclamaram a morte da biografia. Segundo este último, “*(...) a historiografia atual [escreve em 1972], com sua preferência pelo quantificável, pelo estatístico e estrutural, foi obrigada a eliminar para sobreviver. Nas últimas décadas, ela praticamente condenou à morte (...) a biografia individual*”.

Enfim, ao criticarem a historiografia de inspiração positivista, na qual a biografia ocupava um lugar de destaque, tanto os historiadores marxistas quanto os da Escola dos Anais, sobretudo na fase braudeliana, acabaram menosprezando as possibilidades deste gênero e optando por enfoques macro-estruturais e totalizantes. Segundo CHAUSSINAND-NOGARET, a biografia foi vista como “*o modelo de história tradicional, mais sensível à cronologia e aos grandes homens que às estruturas e às massas*” (1986, p. 86).

2 - O RESGATE ATUAL DO GÊNERO BIOGRÁFICO PELOS HISTORIADORES

Nos últimos anos, sobretudo a partir da década de 80, assiste-se a um redespertar do interesse dos historiadores pelos estudos biográficos. As razões deste fato são variadas e relacionam-se tanto com o contexto social da disciplina quanto com a sua transformação teórica.

Em termos contextuais, deve-se considerar que a massificação da sociedade contemporânea tem como contrapartida a procura da identidade individual, ou seja, os homens voltam-se ao passado em busca de referenciais para sua conduta no presente. Além disso, a crise atual do espaço público - evidenciada pelo individualismo exacerbado e pela crítica às formas tradicionais de participação política e social - faz com que as pessoas se interessem por vasculhar minuciosamente a vida privada dos outros, sobretudo dos personagens destacados, o que talvez explique o grande sucesso editorial das biografias. Obviamente que este interesse repercute na produção dos historiadores.

No âmbito teórico, a volta da biografia está relacionada com a crise do paradigma estruturalista, que havia orientado uma parte considerável da historiografia a partir dos anos 60. De acordo com esta vertente, a história deveria, *“antes de mais nada (...) identificar as estruturas e as relações que, independentemente das percepções e das intenções dos indivíduos, comandam os mecanismos econômicos, organizam as relações sociais, engendram as formas do discurso”*. Em contrapartida, os historiadores atuais *“quiseram restaurar o papel dos indivíduos na construção dos laços sociais”* (CHARTIER, 1994, p.p. 101 e 102). Assim, a recuperação dos sujeitos individuais pelos historiadores pode ser vista como uma reação aos enfoques excessivamente macro-estruturais, descarnados de *humanidade*, que caracterizaram boa parte da *modernidade historiográfica*: o modo de produção de Marx e a longa duração de Braudel, por exemplo. Metodologicamente, esta mudança implica no recuo da história quantitativa e serial e no avanço dos estudos de caso e da micro-história.

Por fim, no círculo mais estritamente acadêmico, é importante salientar a aproximação da história com a antropologia, na qual o resgate das histórias de vida já é uma praxe; e com a literatura, preocupada com as técnicas de construção dos personagens.

O retorno da biografia é um movimento internacional e perceptível em diversas correntes historiográficas recentes. Analisarei, nesta seção, algumas das que mais se destacam na renovação do gênero, quais sejam: a **nova história**

francesa, o grupo contemporâneo de historiadores britânicos de inspiração marxista, a micro-história italiana e a psico-história.

A nova história francesa corresponde à terceira geração que assumiu a direção da revista *Annales*, reivindicando a herança e a continuidade da Escola. Uma das características deste grupo é o interesse por gêneros que haviam sido desprezados pela tradição dos *Annales*, sobretudo em sua fase braudeliana. Proclamam, então, a volta do acontecimento, a volta da história-narrativa, a volta da história política e também a volta da biografia. Contudo, como afirma LE GOFF, “*essas voltas são equívocos. Se cada uma delas pode ser aceita pela nova história e se os partidários da nova história não raro delas deram o exemplo, é porque cada um desses gêneros históricos (ou quase) volta com uma problemática profundamente renovada*”. Especificamente sobre a biografia, diz o autor: “*(...) a biografia histórica nova, sem reduzir as grandes personagens a uma explicação sociológica, esclarece-as pelas estruturas e estuda-as através de suas funções e seus papéis*” (1990, p.p. 7-8).

Porém, não são apenas “*as grandes personagens*” que merecem a atenção dos novos historiadores. Aliás, um dos traços mais significativos do gênero biográfico na atualidade é a sua extensão à *gente comum*, aos populares. Comentando este fato, afirma BURKE, “*o renascimento [da biografia] não é simplesmente um retorno ao passado. A biografia histórica é praticada por diferentes razões e assume formas diferentes. Pode ser o meio de entender a mentalidade de um grupo. Uma dessas formas é a vida de indivíduos mais ou menos comuns*” (1991, p.p. 103-104).

A trajetória de um dos expoentes deste grupo, Georges Duby, ilustra a problemática envolvida no resgate da biografia pela nova história francesa.

Duby, medievalista, realizou seus primeiros trabalhos seguindo a tradição da história econômica e social dos *Annales*. Sua tese, publicada em 1953, teve como tema a sociedade na região de Macon. Posteriormente, a partir da década de 60, seus estudos voltaram-se para o âmbito das mentalidades, das ideologias, da reprodução cultural e do imaginário social (cf. BURKE, *op. cit.*, p.p. 86-88 e DUBY, 1993). Em 1984, o historiador publicou uma biografia de Guilherme Marechal, cavaleiro que foi regente do rei da Inglaterra Ricardo III (DUBY, 1987).

A obra é escrita como um romance, sem pausas analíticas e com as citações documentais, não referenciadas, intercaladas com a fala do autor. A narrativa acompanha a vida de Guilherme que, partindo do nada, morreu rico e celebrado como o “*melhor cavaleiro do mundo*”.

Sobre o livro, comenta DUBY:

“(…) eu podia ser acusado de trair o ‘espírito dos Annales’. Eu era, com efeito, o primeiro dentre os epígonos de Marc Boch e Lucien Febvre a aceitar escrever a biografia de um ‘grande homem’. Mas na realidade não me desviava nem um milímetro de meu percurso. A única modificação - das mais importantes, reconheço - dizia respeito à forma. Eu estava voltando sem rodeios à narrativa. Contava uma história, seguindo o fio de um destino pessoal. Mas continuava atendo-me à história-problema, à história-questão. Minha pergunta continuava sendo a mesma: que é a sociedade feudal ?” (1993, p.p. 137-138).

Guilherme Marechal, portanto, diferencia-se profundamente das biografias tradicionais de corte positivista pois não se limita a narrar factualmente os diversos momentos da vida de um indivíduo. Procura, pelo contrário, examinar, na dimensão da individualidade e *por dentro* da narrativa, questões mais amplas da sociedade feudal tais como: a constituição das redes de vassalagem, as relações de poder, o papel da mulher e dos filhos nas famílias da nobreza, as concepções sobre a morte, entre outros aspectos. Enfim, o autor não considera o livro como uma ruptura na sua trajetória intelectual, já que os problemas continuam os mesmos das pesquisas macro-analíticas por ele realizadas, mudando sim o foco de observação e a forma de exposição dos resultados. Em suas palavras:

“(…) o particular (...) só me interessava quando me informava sobre o coletivo. O verdadeiro tema do livro não é Guilherme, mas a cavalaria, seu ideal, os valores que ela afirmava respeitar. E também um sistema político, o ‘feudalismo’, pois através desse caso concreto o funcionamento de suas engrenagens pode ser descoberto com muito maior clareza que nos tratados ou nas cartas” (1993, p. 137).

Concluindo: na nova história francesa, a volta da biografia associa-se com outras *voltas* (no caso do livro de Duby, a volta da narrativa). Contudo, este retorno não significa a retomada de superados enfoques tradicionais mas sim a reapropriação de antigos gêneros em função de uma problemática renovada. No que tange à biografia, ela é considerada como uma via para a observação de problemas mais amplos, inserindo-se, assim, na perspectiva de *história-problema* da tradição dos *Annales*.

O grupo contemporâneo de historiadores britânicos de inspiração marxista constituiu-se nos anos 40, congregando historiadores como Eric Hobsbawm, Edward Thompson e Christopher Hill, ligados ao Partido Comunista da Inglaterra (PCI). Em 1956, com a invasão da Hungria pela

União Soviética e a revelação dos crimes stalinistas, a maior parte deles desligou-se do Partido. A partir daí, sem abandonar o marxismo, passaram a criticar determinadas ortodoxias dessa corrente teórica e a incorporar temas até então pouco explorados pela mesma como a história do movimento operário ou da cultura popular.

Uma das preocupações fundamentais destes pesquisadores é a recuperação da dimensão subjetiva dos processos sociais, negligenciada pelas tendências estruturalistas do marxismo.

E. P. THOMPSON, por exemplo, em seu livro *"A formação da classe operária inglesa"* (1987), rejeita a noção economicista de classe social - *"uma quantidade de homens que se encontra numa certa proporção com os meios de produção"* - e considera que a mesma é *"um fenômeno histórico que unifica uma série de acontecimentos dispare e aparentemente desconectados, tanto na matéria prima da experiência como na consciência"* (p.p. 9 e 10).

Embora não seja um estudo biográfico, *"A formação..."* revela o interesse do autor em *"(...) avaliar o papel das escolhas e das ações conscientes dos seres humanos na história"* (HALL, 1987). Tal objetivo evidencia-se no prefácio da obra:

"Estou tentando resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro luddita, o tecelão do 'obsoleto' tear manual, o artesão 'utópico' e mesmo o iludido seguidor de Joanna Southcott, dos imensos ares superiores de condescendência da posteridade. Seus ofícios e tradições podiam estar desaparecendo. Sua hostilidade frente ao novo industrialismo podia ser retrógrada. Seus ideais comunitários podiam ser fantasiosos. Suas conspirações insurrecionais podiam ser temerárias. Mas eles viveram nesses tempos de aguda perturbação social, e nós não. Suas aspirações eram válidas nos termos de sua própria experiência; se foram vítimas accidentais da história, continuam a ser, condenados em vida, vítimas accidentais" (p. 15).

Neste trabalho, portanto, o autor resgata as experiências individuais como constitutivas do *fazer-se* da classe operária inglesa.

Christopher HILL, pelo ângulo da história política, escreveu uma biografia de Oliver Cromwell, líder da Revolução Inglesa do século XVII (1988). Nela, o autor destaca a importância decisiva da ação do personagem para a história da Inglaterra como, por exemplo, na seguinte passagem: *"assim, para o bem e para o mal, Oliver Cromwell presidiu as grandes decisões que determinaram a futura trajetória da história inglesa e mundial"* (p. 232).

Contudo, não deixa de articular a atuação do indivíduo biografado com o contexto no qual esta se realizou:

“Em relação ao século XVII, as décadas decisivas são as de 1640 a 1660. Nelas, a figura preponderante é Oliver Cromwell. Qualquer estudo sobre sua pessoa, por consequência, não será apenas a biografia de um grande homem. Deverá incorporar os acontecimentos da época em que ele viveu e que se revelaram cruciais para o posterior desenvolvimento da Inglaterra e de seu império. Espero sugerir, neste estudo, algumas das implicações que decorreram dos atos de nosso biografado” (p. 14).

O embasamento marxista de Hill faz com que sua análise privilegie a inserção classista de Cromwell. Assim, este último é considerado como um precursor dos “grandes plebeus”, ou seja, da burguesia inglesa: “Cromwell prefigura os grandes plebeus que se elevariam por seus próprios méritos e governariam a Inglaterra no século XVIII” (p. 232).

Finalizando, nota-se que o livro de Hill aproxima-se, por algumas de suas características (sobretudo o enfoque político e a organização cronológica da narrativa), das biografias tradicionais. O diferencial é a tentativa constante de relacionar o personagem analisado com o seu contexto, privilegiando-se, neste último, a ação das classes sociais e também os conflitos religiosos.

A **micro-história italiana** é, segundo LEVI, “essencialmente uma prática historiográfica em que suas referências teóricas são variadas e, em certo sentido, ecléticas” (1992, p. 113). Tal prática difundiu-se internacionalmente a partir dos anos 70 e, sobretudo, nos 80, mas seu núcleo original é constituído pelo grupo dos historiadores italianos ligados à revista “*Quaderni Storici*”.

Esta tendência apresenta-se como uma das possíveis soluções para a crise dos grandes sistemas explicativos, rejeitando porém as vertentes irracionistas e estetizantes que emergiram na historiografia recente no âmbito da chamada condição pós-moderna.

O problema fundamental da micro-história diz respeito à escala de observação dos problemas pesquisados. Nas palavras de LEVI (*op. cit.*):

“A micro-história como uma prática é essencialmente baseada na redução da escala de observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental” (p. 136).

“Para a micro-história, a redução da escala é um procedimento

analítico, que pode ser aplicado em qualquer lugar, independentemente das dimensões do objeto analisado” (p. 137).

“O princípio unificador de toda a pesquisa micro-histórica é a crença em que a observação microscópica revelará fatores previamente não observados” (p. 139).

Portanto, o que caracteriza a micro-história não é o caráter *micro* do problema analisado mas sim a observação *microscópica* de qualquer campo de pesquisa, a fim de revelar dimensões do mesmo não perceptíveis em um enfoque *macroscópico*.

O conhecido livro de Carlo GINZBURG “*O queijo e os vermes*” (1987) exemplifica as principais características desta tendência. Neste trabalho, o autor realizou uma pesquisa documental intensiva sobre o moleiro friulano Domenico Scandella, dito Menocchio, que foi condenado pela Inquisição no século XVI por professar uma estranha cosmogonia.

O estudo biográfico sobre Menocchio permitiu a Ginzburg formular uma hipótese geral sobre a cultura popular e, mais especificamente, sobre a cultura camponesa da Europa pré-industrial. Segundo ele, esta última sofria influxos recíprocos com a cultura de elite num movimento que denominou, inspirando-se em Mikhail Bakhtin, de “*circularidade da cultura*”.

O autor procurou justificar o ângulo de análise adotado perguntando-se que relevância poderia ter, num plano mais geral, as idéias e crenças de um indivíduo único em relação às do seu grupo social. Segundo ele, uma resposta poderia ser a extensão do conceito histórico de indivíduo às classes mais baixas: “*alguns estudos biográficos mostraram que um indivíduo mediocre, destituído de interesse por si mesmo - e justamente por isso representativo - pode ser pesquisado como se fosse um microcosmo de um estrato social inteiro num determinado período histórico (...)*” (p. 27). Logo adverte, contudo, que Menocchio não pode ser considerado como um camponês *típico* de sua época. Aponta, então, para o limite desta singularidade: a cultura de seu tempo e de sua classe. Diz Ginzburg: “*(...) da cultura do próprio tempo e da própria classe não se sai a não ser para entrar no delírio e na ausência de comunicação. Assim como a língua, a cultura oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes - uma jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um*” (Id. *ibid.*).

Ou seja, na micro-história italiana a biografia é pensada como um ângulo - uma escala - de observação de problemas que transcendem a individualidade. No caso de Ginzburg, através de Menocchio, foi possível analisar a relação entre cultura camponesa e cultura letrada no século XVI.

Este historiador também adota em seu texto um estilo mais literário,

centrado em uma trajetória singular, e busca apreender diversos aspectos da vida do personagem focado: “(...) suas idéias e sentimentos, fantasias e aspirações. (...) suas atividades econômicas, (...) a vida de seus filhos” (p. 16). Por fim, fica explícita no livro a perspectiva classista que orientou a pesquisa - “uma análise de classes é sempre melhor que uma interclassista” (p. 32) -, o que aponta para o embasamento marxista de Ginzburg.

Já a **psico-história** não é exatamente uma tendência recente e nem tem uma *nacionalidade* definida. Refere-se, de modo geral, aos historiadores que, em diversos momentos e em diferentes lugares, buscaram no instrumental da psicologia e da psicanálise elementos para explicar as ações humanas na história.

Segundo SZALUTA, “o ponto forte da *psico-história* é a *biografia*. É nesta categoria do campo da *psico-história* (...) que a teoria é mais desenvolvida e também é onde se fazem os trabalhos mais desenvolvidos no ponto de vista da *psico-história*” (1987, p. 108). Afinal, se uma parte considerável do instrumental da psicologia foi pensada em função de situações individuais, não é a toa que o mesmo seja aplicado na história preferencialmente ao estudo biográfico.

O próprio FEBVRE foi influenciado pela psicologia de Charles Blondel e Henri Wallon, escrevendo diversos artigos nos quais discutia as relações entre estes campos do saber. Segundo ele, “(...) a *psicologia, conhecimento científico da função mental*, [deve] necessariamente (...) manter relações contínuas com as disciplinas mal definidas que confundimos sob o nome tradicional de *História* (...)” (s/d, p. 205).

O maior representante atual da referida tendência é o historiador alemão, atuando nos Estados Unidos, Peter Gay, embora o mesmo não admita o rótulo de *psico-historiador*: “meu objetivo é integrar a *psicologia* à *história*. Não se trata portanto de *psico-história* (...), mas de *história informada pela psicanálise*. Vai aí uma diferença!” (GAY, 1988, p. 17). Esta postura deriva de sua crítica aos reducionismos da *psico-história* que, muitas vezes, descontextualizando os personagens, levou em conta apenas as pulsões internas dos mesmos. Porém, de acordo com a definição geral de *psico-história* por mim proposta neste artigo, pode-se enquadrar o autor em tal corrente.

Gay buscou na psicanálise freudiana elementos para analisar a relação dos indivíduos biografados com os seus contextos.

“(...) o historiador traz para a vida sobre a qual está escrevendo, ou para as passagens biográficas que ajusta à sua narrativa ou análise, um comprometimento com o meio social relevante, uma sensibilidade informada e treinada sobre os mundos nos quais o seu objeto viveu.

Espera-se que possua, e exiba, um sentido firme, profissionalmente disciplinado sobre o espaço e o tempo, sobre as possibilidades e coerções públicas. Obviamente, não se pode usar uma psicologia que o deixaria atolado nos domínios exotéricos de pulsões fantasmáticas e em dramas mentais misteriosos que devem ser decifrados. Mas a psicologia psicanalítica, embora às vezes possa ser pensada assim, é tudo menos isso.

Freud construiu as trilhas que ligam a biografia à história a partir dos materiais humanos mais fundamentais: amor e ódio. Esses apenas, acreditou, permitem aos grupos imporem laços sólidos que tornam os seus membros submissos, ativos e intolerantes” (1989a, p. 125).

Ao tratar das experiências afetivas da burguesia no século XIX, o autor novamente abordou as relações entre indivíduo e sociedade:

“É claro que a rigor não houve experiência burguesa no século XIX nem em qualquer outro; houve tão-somente experiências de burgueses. Conforme é do conhecimento de todo historiador imbuído de alguma tendência psicanalítica, a experiência de um indivíduo difere, ainda que levemente, da experiência de qualquer outro. Escrever a história da experiência burguesa no século XIX, introduzir-me tão inquisitivamente quanto for possível na mentalidade da classe média, implica arriscar-me a generalizações bastante arrojadas. Só o indivíduo ama e odeia, aprimora seus gostos na arte e no mobiliário, sente-se contente nos momentos de realização, ansioso em tempos de perigo e furioso com os agentes que lhe provocam alguma privação; só o indivíduo se regozija com o poder ou lança sobre o mundo sua vingança. O mais é metáfora.

Uma metáfora todavia necessária. Pois todos os seres humanos compartilham pelo menos sua humanidade - suas paixões, sua trajetória em direção à maturidade, suas necessidades irreprimíveis. E cada qual estabelece seus laços sociais, pertence a culturas parciais que o expõem a conjuntos previsíveis de experiências, os quais constituem famílias suficientemente semelhantes entre si para seduzir o historiador a emitir julgamentos coletivos. A filiação religiosa, a vizinhança urbana, a comunidade linguística e, no século XIX, a classe social, moldam o

indivíduo de forma a torná-lo reconhecível como membro de diversas sociedades. (...) É por isso que os meandros da psicanálise, suas teorias e suas técnicas, podem construir justamente aquela ponte entre a experiência individual e a coletiva (...). Pois o indivíduo, visto pela ótica psicanalítica, é um indivíduo social” (1988, p. 22, grifo meu).

Assim, coerentemente com o modelo freudiano, Gay procura demonstrar que determinadas experiências individuais podem ser generalizadas, ainda que de forma metafórica, já que os seres humanos possuem uma essência: a sua *humanidade*. Esta última só se realiza concretamente nas diversas “*culturas parciais*” - a religião, a língua, a classe social - das quais cada pessoa participa, o que determina certas regularidades que podem ser apreendidas pelo historiador. É neste sentido que se torna possível fazer a ponte entre as “*experiências de burgueses*” e a “*experiência burguesa*”.

Este historiador utilizou-se do método psicanalítico para biografar o fundador da psicanálise Sigmund Freud (1989b). Com tal objetivo, analisou os sonhos por ele registrados, as associações de palavras e os atos falhos expressos em cartas pessoais e nos tratados científicos. Porém, não limitou a investigação à subjetividade do personagem mas sim procurou analisar sua inserção familiar, profissional, cultural, social, entre outros aspectos. Diz o autor:

“(...) não hesitei em empregar suas descobertas [de Freud], e na medida do possível seus métodos, para explorar a história de sua própria vida. Mas não permiti que eles monopolizassem minha atenção. Como historiador, situei Freud e sua obra nos vários contextos relevantes: a profissão psiquiátrica que ele subverteu e revolucionou; a cultura austríaca em que foi obrigado a viver como judeu descrente e médico pouco convencional; a sociedade europeia que, durante a vida de Freud, passou pelos terríveis traumas da guerra e da ditadura totalitária; e a cultura ocidental como um todo, uma cultura cuja percepção de si mesma ele transformou irreconhecivelmente para sempre” (p. 17).

Enfim, é possível constatar que a psico-história na atualidade tem como meta fundamental desvendar os caminhos que ligam a subjetividade individual ao contexto social.

Realizar um balanço de conjunto destas diversas correntes e autores pode ser temerário. Afinal, se são perceptíveis os pontos de contato entre eles, não o são menos a variedade de preocupações e as diferenças de enfoque.

Contudo não me furtarei de indicar alguns traços comuns que caracterizam o gênero biográfico na atualidade, pelo menos no campo do conhecimento histórico.

Em primeiro lugar, a preocupação central dos biógrafos continua sendo desvendar os múltiplos fios que ligam um indivíduo ao seu contexto, sem cair nem no individualismo exacerbado (como nas biografias tradicionais), nem na determinação estrutural estrita (como nas análises marxistas e braudelianas). Assim, diversos estudos biográficos contemporâneos buscam relacionar os personagens enfocados com dimensões sociais mais amplas. Por exemplo: Guilherme Marechal, com a cavalaria medieval; Cromwell, com os grandes plebeus ingleses do século XVII; Menocchio, com a cultura camponesa do século XVI, e Freud, com a cultura e a sociedade européias do século passado. As estratégias para estabelecer esta relação são bastante diversificadas: Duby vale-se da noção de história-problema dos *Annales*; Hill, da caracterização social, religiosa e política da Inglaterra setecentista; Ginzburg, da observação do processo de circularidade da cultura através de uma escala *micro* e Gay, do método psicanalítico contextualizado.

A escolha dos personagens biografados também guarda interesse: não apenas os *grandes homens* - como Guilherme Marechal, Oliver Cromwell e Sigmund Freud - merecem esta *dignidade*, mas também os homens comuns, a *gente miúda*, como o moleiro Menocchio.

Outro aspecto importante, e que perpassa todos os trabalhos mencionados, é o estilo mais *literário* da escrita (muito próximo do romance), o caráter de relato dos textos biográficos. Tal fato mostra que, inevitavelmente, um dos passos decisivos da biografia consiste em *contar a história* de um personagem. Entretanto, pelo menos nos casos citados, a narração não exclui a explicação de diferentes aspectos das trajetórias individuais, bem como dos contextos em que as mesmas se realizaram.

Por fim, mas não menos importante, percebe-se que os referidos historiadores buscam resgatar facetas diversificadas dos personagens biografados e não apenas, como nos trabalhos de inspiração positivista, a vida pública e os *feitos notáveis*. Emergem, então, em seus trabalhos, entre outros aspectos, os sentimentos, o inconsciente, a cultura, a vida privada, a inserção classista, política e religiosa e a vida cotidiana como espaço significativo da existência humana.

Estas questões sugeridas pela historiografia recente serão discutidas mais detalhadamente nas seções seguintes, quer levando-se em conta os impasses atuais do gênero biográfico, quer sob a forma de uma proposta de construção das biografias pela perspectiva da vida cotidiana.

3 - IMPASSES ATUAIS DO GÊNERO BIOGRÁFICO: AS (FALSAS) OPOSIÇÕES QUE SE COLOCAM AO HISTORIADOR QUE PRETENDE CONSTRUIR UMA BIOGRAFIA

Discutirei este tópico a partir de quatro oposições que normalmente se colocam ao historiador interessado em realizar uma pesquisa biográfica: indivíduo X sociedade, biografia enquanto narração X biografia enquanto explicação; indivíduo como unidade X indivíduo fragmentado e vida pública X vida privada.

a) Indivíduo X Sociedade

Pierre BOURDIEU considera “inteiramente absurda cientificamente” a oposição entre indivíduo e sociedade (1990, p. 45). Já CARR vale-se de uma expressão da linguagem comum para definir o problema: “a pergunta sobre o que vem primeiro - a sociedade ou o indivíduo - é como a pergunta sobre o ovo e a galinha” (1982, p. 31).

Contudo, esta oposição, muitas vezes enunciada em outros termos - homem X contexto, sujeito X estrutura, voluntarismo X determinismo, liberdade X necessidade - reside no centro do pensamento ocidental, pelo menos desde a Grécia clássica. Exemplificando a questão, diz Alvin GOULDNER: “quando Édipo peca, a terra de Tebas sofre por ele, mas Édipo pode pecar. A lei e o destino se impõem aos seres humanos, mas estes não são robôs, e podem conformar-se com seu destino ou lutar contra ele” (1985, p. 50, grifo do autor). Tal tensão também está presente na teologia cristã (livre arbítrio X lei natural), no marxismo (veja-se a ambigüidade do conceito de *práxis*), na sociologia acadêmica (subjetividade humana X objetividade da existência social) e na filosofia moderna (existencialismo X estruturalismo).

Avançar na discussão de tema tão complexo foge aos limites do presente artigo. Porém, não é possível ignorá-lo quando se pensa na construção de uma biografia. Neste sentido, as questões são numerosas e complicadas: Como relacionar o indivíduo com o seu contexto? Qual é o peso da determinação estrutural na condução das ações humanas? A subjetividade individual também não é construída socialmente?

Os historiadores-biógrafos procuram resolver tais problemas através de diversos expedientes: descrevendo o contexto como um *plano de fundo* para a livre atuação do personagem central (como nas biografias positivistas), buscando neste contexto a explicação para a ação individual (Hill) ou encarando o indivíduo como uma via de acesso para o exame de questões mais amplas

(Duby e Ginzburg). Nos trabalhos de GAY, a tensão entre o individual e o social também está presente como, por exemplo, nesta frase extraída da biografia de Mabel Loomis, jovem burguesa norte-americana do século XIX: *“Embora o fluxo de seus devaneios autobiográficos fizesse de Mabel Loomis uma típica representante de sua época e de sua classe, sua franqueza introspectiva e sua lucidez a distinguem notavelmente”* (1988, p. 63, grifos meus). Oscila-se, portanto, entre a representatividade de Loomis em relação ao seu contexto e a sua singularidade pessoal.

Não pretendo aqui indicar a melhor maneira de se resolver o velho problema da relação entre o indivíduo e a história. Mesmo porque, como procurei demonstrar, este não é resolvível e sim constitutivo do pensamento ocidental. Penso, contudo, que uma das tarefas fundamentais do gênero biográfico é contribuir para a presente discussão, recuperando, através de diferentes estratégias, a tensão, e não a oposição, entre o individual e o social.

b) Biografia enquanto narração X Biografia enquanto explicação

A partir do século XIX, a história, buscando a afirmação de sua cientificidade, afastou-se da literatura. Verificou-se, então, a *“proscrição da dimensão literária do discurso histórico (...), mais precisamente, a tendência em negar a narratividade como modo adequado de exposição da escrita histórica”* (CEZAR, p. 2). Nos últimos anos, contudo, proclama-se a *“volta da história-narrativa”*. Para STONE, esta se diferenciaria da história estrutural por ser mais descritiva do que analítica e por direcionar seu enfoque ao homem e não às circunstâncias. Haveria ainda uma maior preocupação, por parte dos historiadores narrativos, com os aspectos retóricos na apresentação de seus textos. Nas palavras deste autor:

“A narrativa aqui designa a organização de materiais numa ordem de seqüência cronológica e a concentração do conteúdo numa única estória coerente, embora possuindo sub-tramas.

.....
Nenhum historiador narrativo, no sentido em que aqui os defini, deixa a análise totalmente de lado, mas ela não constitui o arcabouço de sustentação em torno do qual constróem sua obra” (1991, p.p. 13-14).

Debatendo com Stone, HOBBSAWM criticou a idéia de uma contradição entre os historiadores narrativos e os estruturais. Segundo este último, *“para quase todos eles [os historiadores narrativos], o acontecimento, o indivíduo, e mesmo a reconstrução de algum estado de espírito, o modo de pensar o passado,*

não são fins em si mesmos, mas constituem o meio de esclarecer alguma questão mais abrangente, que vai muito além da estória particular e seus personagens” (1991, p. 41, grifo meu).

Tal discussão é inevitável para o historiador que pretende elaborar uma biografia, já que este gênero possui grande afinidade com a literatura em pelo menos dois aspectos: centra-se na construção de um personagem e possui um intrínseco caráter de relato. Segundo LEVI, *“a biografia constitui, com efeito, a passagem privilegiada pela qual os questionamentos e as técnicas próprios à literatura se colocam para a historiografia”* (1989, p. 1326). No mesmo sentido, afirma LE GOFF: *“a biografia histórica deve se fazer, ao menos em um certo grau, relato, narração de uma vida, ela se articula em torno de certos acontecimentos individuais e coletivos - uma biografia não ‘évènementielle’ não tem sentido (...)”* (1989, p. 1).

Porém, a biografia histórica (como o discurso historiográfico em seu conjunto) guarda algumas diferenças essenciais em relação à narrativa literária, no caso, em relação ao romance biográfico.

Em primeiro lugar, porque o historiador tem um compromisso com sujeitos históricos concretos, que existiram na realidade e que chegam até o presente através dos documentos. Não é a toa que as biografias examinadas baseiam-se em pesquisas documentais intensivas e utilizam-se de uma grande variedade de fontes. Ou seja, as biografias históricas têm, para além de suas qualidades estilísticas, um *“tribunal de apelação”* (THOMPSON, 1981, p. 74) irrefutável: o passado e seus vestígios.

O historiador Jean ORIEUX - biógrafo de Voltaire, La Fontaine, Talleyrand e Bussy-Rabutin - corrobora esta idéia:

“(...) por maior que seja a capacidade criativa do romancista, os seus personagens nasceram dele, só podem existir graças a ele, são, por mais que se queira, fictícios. Pelo contrário, eu sei, e não sou o único a sabê-lo (...) que Talleyrand existiu, sem qualquer sombra de dúvida, em carne e osso, e os textos, que o evocam e entre cujas linhas descubro o seu rosto e as suas manigâncias, esses textos - dizia eu, não são letra morta, a vida corre e palpita através destes testemunhos” (1986, p.p. 39-40).

Em segundo lugar, como já foi dito, no caso dos trabalhos examinados, a narração não exclui a explicação. Pelo contrário, as narrativas histórico-biográficas contemporâneas não se esgotam nas singularidades individuais mas servem para esclarecer temas e problemas mais amplos. Nas palavras de HOBBSAWM, *“não há nada de novo em escolher olhar o mundo por um*

microscópio, ao invés de um telescópio. Na medida em que concordamos que estamos estudando o mesmo cosmo, a opção entre o microcosmo e o macrocosmo é uma questão de escolha da técnica adequada” (op. cit., p.p. 44-45).

c) Indivíduo unitário X Indivíduo fragmentado

Anteriormente mencionei que as biografias de inspiração positivista buscavam reconstruir, de forma linear, a vida de um indivíduo “*desde o nascimento até a morte*”, sobretudo em seus aspectos públicos, a fim de ressaltar a *grandeza* do personagem examinado. Tal pretensão assentava-se em uma visão de homem, ou de alguns homens, tributária do projeto burguês da ilustração: um ser unitário, coerente, plenamente racional e objetivo, que conhece as leis da história e as põe em marcha.

Este “*sujeito tradicional pleno*” (WELLMER, 1984, p. 321), típico da modernidade ilustrada, foi estilhaçado em duas frentes: no âmbito mesmo do discurso moderno e pela crítica da pós-modernidade. No primeiro caso, ressaltam-se, por exemplo, as contribuições de Marx (que destacou o peso dos condicionamentos materiais na condução das ações humanas), de Freud (que apontou para a presença do irracional nas práticas e representações dos indivíduos) e da filosofia da linguagem (que, sobretudo com Wittgenstein, criticou a idéia do sujeito individual como fonte dos significados lingüísticos). Já os pós-modernos, de maneira geral, assinalaram a fragmentação do homem na sociedade contemporânea e enfatizaram as dimensões não-rationais de delírio e de sonho que lhe são inerentes.

Assim, a concepção do indivíduo como unidade que atravessa linearmente o período de uma vida foi fortemente contestada. Para DE CERTEAU, cada homem deve ser entendido como “*um locus no qual uma incoerente e freqüentemente contraditória pluralidade de determinações relacionais interagem*” (1984, p. xi).

BOURDIEU, por sua vez, criticando o método das histórias de vida, opôs-se ao que chamou de “*ilusão biográfica*”. Para ele, os pesquisadores que utilizam tal método partem de uma noção de identidade “*entendida como constância a si mesmo de um ser responsável, ou seja, previsível ou pelo menos inteligível*”, oposto ao “*sujeito fracionado, múltiplo*” da realidade (1986, p. 70). Segundo o autor, esta concepção tem por pressuposto o entendimento de que:

“(…) uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato desta história [e também] (...) que ‘a vida’ constitui um todo, um conjunto

coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma 'intenção' subjetiva e objetiva, de um projeto (...) . Esta vida organizada como uma história se desenrola segundo uma ordem cronológica que é também uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu término que é também um fim, uma meta" (op.cit., p. 69).

Visando romper com esta idéia de uma identidade individual unitária e imutável, diversos historiadores buscam *capturar* os personagens biografados a partir de múltiplos ângulos. Duby, por exemplo, examina a atuação política e os *feitos notáveis* de Guilherme Marechal, mas não deixa de lado as relações familiares e a subjetividade deste indivíduo. Já Ginzburg analisa pensamentos e sentimentos do moleiro Menocchio, articulando-os com a sua inserção classista. Gay, finalmente, cruza diversos planos ao biografar Freud: a família, a trajetória intelectual, as motivações inconscientes, a situação dos judeus na Viena do século XIX, entre outros.

Nestes estudos, a pluralidade de enfoques permitiu o enriquecimento das análises biográficas e não levou ao esfacelamento dos personagens examinados. Portanto, romper com a idéia de indivíduo unitário não significa necessariamente identificar a biografia com uma *ilusão*, mas sim explorar todas as potencialidades do gênero, aproximando-o da multifacetada existência concreta dos homens.

d) Público X Privado

De forma geral, os historiadores-biógrafos negligenciavam a vida privada de seus personagens, por ser no âmbito público que se realizam os *feitos notáveis*, dignos de serem registrados. A privacidade só vinha à tona para reforçar as qualidades morais do biografado. Esta postura é coerente com o contexto da modernidade quando, sobretudo a partir do século XIX, procurou-se estabelecer uma nítida divisão entre o privado e o público (cf. PERROT, 1991).

Na historiografia atual, contudo, verifica-se um interesse crescente pela dimensão privada da existência humana. Segundo PERROT, este deslocamento corresponde a uma reação ao "*peso do político*", que levou os historiadores "*a refletir sobre os mecanismos de poder e a buscar no contra-peso dos pequenos grupos, e até dos indivíduos, resistências eficazes, barreiras necessárias ao controle social*". Ou seja, nos interstícios da vida privada encontrariam-se espaços de resistência às imposições macro-sociais.

Outro aspecto abordado pela autora é a "*exaltação dos particularismos*

e das diferenças” que marca o mundo atual como contrapartida “à massificação crescente das ideologias, dos discursos e das práticas” (op. cit., p. 9, grifo meu).

Tais preocupações contemporâneas projetam-se também para o passado como, por exemplo, no estudo de Ginzburg sobre o moleiro Menocchio. Este último representa uma barreira à hegemonia do discurso da Igreja no século XVI e pode ser lido como uma exaltação da diferença.

A curiosidade sobre o privado, como já foi dito, explica também o sucesso editorial das biografias, escritas ou não por historiadores, junto ao grande público. Conhecer a intimidade do outro nos mínimos detalhes tornou-se um passatempo para inúmeros leitores, “cúmplices mais ou menos voluntários de ‘voyerismo’” (SOUZA-LOBO, 1989, p. 29).

Assim, o exame das articulações entre o público e o privado deve ser uma das preocupações dos historiadores-biógrafos. Segundo SOUZA-LOBO, “a ‘démarche’ biográfica ilumina a complexidade das relações entre vida pública e vida privada e das experiências individuais e coletivas” (Id. *ibid.*). Tal problemática é visível nas biografias recentes, como nos trabalhos mencionados de Duby, Ginzburg e Gay, nos quais a dimensão privada (a família, a subjetividade, a sexualidade, entre outros aspectos) tem um peso considerável na análise.

Com estas considerações, de caráter exploratório, busquei apontar para a complexidade das questões teórico-metodológicas envolvidas na construção de uma biografia. Espero, ainda, ter explicitado o meu posicionamento sobre as oposições indivíduo/sociedade, narração/explicação, unidade/fragmentação e público/privado: as mesmas me parecem falsas já que a análise biográfica exige um constante deslocamento, e não um isolamento, entre os pólos mencionados.

Tentando dar conta dos complicados problemas elencados nesta seção, apresento a seguir uma proposta de investigação: a construção de biografias a partir da perspectiva da vida cotidiana.

4 - UMA PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO: A BIOGRAFIA PELA PERSPECTIVA DA VIDA COTIDIANA

Como ressaltai anteriormente, as biografias tradicionais voltam-se, via de regra, para aqueles personagens a quem se atribui o *fazer da história*. Recuperam, portanto, de forma privilegiada, as ações políticas, os atos

conscientes, as deliberações racionais, as rupturas da rotina, o lado público da existência, as *manifestações notáveis* enfim. Este viés deixa ausente, ou resgata apenas como *material de construção*, a vida diária, o inconsciente, o privado, as ações minúsculas.

Com estas indicações, já se pode perceber uma abordagem no mínimo incompleta. Por que, então, eleger o cotidiano como foco privilegiado de análise?

Em primeiro lugar, porque esta perspectiva traz para a biografia sua matéria mais extensa, a vida diária.

O cotidiano é a vida de todos os dias, dos gestos, ritos e ritmos repetidos diariamente. Seu espaço é o do automático, da rotina, do instintivo, do familiar, do conhecido: *“para que o homem possa ser homem, deve efetuar automaticamente diversas ações vitais. Estas ações são tanto mais perfeitas e mais benéficas, para o homem, quanto mais perfeitamente estejam automatizadas e menos passem através da consciência e da reflexão”* (KOSIK, 1963, p. 101).

Esta sucessão repetitiva do dia-a-dia comporta conteúdos bastante heterogêneos: engloba a vida familiar, o trabalho, as relações de vizinhança, o lazer, entre outros aspectos. Além disso, no cotidiano, o homem pode permanecer imerso na alienação (favorecida pelo automatismo das atividades diárias), sujeitado a mecanismos de disciplina, mas também pode exercer sua criatividade e constituir formas de resistência à ordem estabelecida. Assim, HELLER (1989) reconhece que, apesar da grande afinidade entre alienação e cotidianidade, esta última permite ao homem uma margem de manobra e ação, de individuação e configuração de novas atitudes. PETERSEN, igualmente, afirma que *“o historiador não pode pensar unilateralmente o cotidiano como o campo de onde se gera a alienação ou onde se gera a resistência e a criação”* (1994, p. 121).

Deve-se levar em conta também que os diversos elementos, práticas e potencialidades presentes no cotidiano não constituem simplesmente uma massa caótica, pois possuem uma hierarquia interna, social e historicamente determinada. Por exemplo, com o desenvolvimento da sociedade industrial, o âmbito do trabalho e da alienação foi extremamente dilatado, embora conserve brechas e fissuras que possibilitam a resistência e a criação. Obviamente que todos estes aspectos enriquecem sobremaneira a construção de uma biografia já que permitem ao historiador compreender as possibilidades e os limites da trajetória individual examinada.

Além disso, a perspectiva do cotidiano contribui para a pesquisa biográfica ao trazer para a análise uma dimensão universal, ontologicamente insuprimível, presente em todo modo de existência humana. A cotidianidade está presente em qualquer esfera da vida do homem: no âmbito público e no

privado, nas experiências e nos discursos, etc. Para HELLER, "*a vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade*" (op. cit., p. 17). Deste modo, parece-me que o entendimento de uma trajetória individual passa necessariamente pela análise do cotidiano. Esta possibilita ao pesquisador atingir uma das principais metas das novas biografias: resgatar o personagem enfocado em suas múltiplas facetas, como um "*homem inteiro*".

Saliento ainda a pertinência de se pensar na construção de uma biografia por esta ótica pois o cotidiano apresenta-se como o espaço do indivíduo, do exercício mais direto e imediato da individualidade, da percepção do mundo pela ótica do singular. Como afirma KOSIK, "*na vida diária o indivíduo cria relações sobre a base de sua própria experiência, de sua própria possibilidade e ação, e, por isso, considera esta realidade como seu próprio mundo*" (op. cit., p.p. 92-93).

Destaco também que a perspectiva da vida cotidiana permite ao historiador recuperar a tensão entre o biografado e seu contexto o que, como apontei anteriormente, é um dos grandes desafios deste gênero. Afinal, esta dimensão universal, rotineira, heterogênea e hierarquizada da vida humana não deve ser examinada de forma autônoma, desprovida de historicidade, descolada das demais relações sociais. Os elementos, ritmos, temporalidades e espaços que constituem e onde se desenvolve a cotidianidade só se tornam plenamente compreensíveis quando inseridos em redes mais amplas de práticas e representações. Afinal, "*a vida cotidiana não está 'fora' da história, mas no 'centro' do acontecer histórico (...)*" (HELLER, op. cit., p. 20). LE GOFF manifesta uma preocupação semelhante quando afirma que "*o cotidiano só tem valor histórico e científico no seio de uma análise dos sistemas históricos que contribuem para explicar o seu funcionamento*" (1986, p. 79).

Por fim, deve-se considerar que a maior parte das pessoas passa praticamente toda a sua existência submersa no automatismo dos papéis cotidianos, simplesmente *vivendo a vida* sem questioná-la. Nesta situação, os homens percebem o mundo com a sensação de familiaridade, de que *tudo está à mão*. Por isso, jogam-se inteiros nas exigências do dia-a-dia mas sem nunca esgotar inteiramente suas possibilidades.

Contudo, alguns indivíduos conseguem ultrapassar as exigências imediatas do dia-a-dia e perceber o mundo de uma maneira mais ampla, complexa e refinada. Isto acontece quando determinada pessoa joga toda sua força num projeto, numa obra, num ideal, homogeneizando suas capacidades e suspendendo a heterogeneidade que caracteriza a vida cotidiana. Tal processo de homogeneização só ocorre quando o indivíduo concentra sua energia e a

utiliza numa atividade humano-genérica (a arte, a ciência, o trabalho criador, a práxis social e política, entre outras) escolhida consciente e autonomamente (cf. HELLER, *op. cit.*, p. 27).

Esta suspensão é temporária e não implica o rompimento com a cotidianidade e sim um *vai-e-vem* entre a vida diária e o humano-genérico. Os homens que passam por tal experiência podem obter ganhos de consciência e possibilidades de compreensão e transformação do cotidiano singular e coletivo. Nas palavras de FALCÃO, “*esta suspensão da vida cotidiana não é fuga: é um circuito, porque se sai dela e se retorna a ela de forma modificada. À medida que estas suspensões se tornam freqüentes, a reapropriação do ser genérico é mais profunda e a percepção do cotidiano fica mais enriquecida*” (1984, p. 27). Enfim, na feliz expressão de LUKÁCS, não existe uma “*muralha chinesa*” (*apud* NETTO e FALCÃO, 1984, p. 69) separando as dimensões cotidiana e não cotidiana da vida.

Portanto, um dos ganhos de se construir uma biografia pela perspectiva do cotidiano é a possibilidade de compreender como o indivíduo enfocado transitou, ou não, entre as exigências da vida diária e as dimensões mais amplas da existência, em um contexto histórico específico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉS-GALLEGO, José. “*La nueva historia como reto*”. In: ANDRÉS-GALLEGO, José (org.). **New history, nouvelle histoire: hacia una nueva historia**. Madrid, Actas, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. “*Fieldwork in philosophy*”. In: **Coisas ditas**. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- _____. “*L’illusion biographique*”. **Actes de la recherche en sciences sociales**, (62-63): 69-72, juin., 1986.
- BRAUDEL, Fernand. “*A longa duração*”. In: **História e ciências sociais**. Lisboa, Presença, 1990.
- _____. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II**. Lisboa, Martins Fontes, 1983. 2 v.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989). A Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo, UNESP, 1991.
- CARR, E. H. **Que é história?** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- CEZAR, Temístocles. “*Considerações acerca do estatuto do texto histórico*”. **História em Revista**. Pelotas, EdUPPel, n. 2 (no prelo).

- CHARTIER, Roger. *"A história hoje: dúvidas, desafios, propostas"*. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994.
- CHAUSSINAND-NOGARET, O. *"Biographique (Histoire)"*. In: BURGUIÈRE, André (org.). **Dictionnaire des sciences historiques**. Paris, PUF, 1986.
- DE CERTEAU, Michel. **The practice of everyday life**. Berkeley/Los Angeles/Londres, University of California Press, 1984.
- DUBY, Georges. **A história continua**. Rio de Janeiro, Zahar/UFRJ, 1993.
- _____. **Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo**. Rio de Janeiro, Graal, 1987.
- FEBVRE, Lucien. **Autour de l'Heptaméron**. Paris, Gallimard, 1944.
- _____. **Combates pela história**. Lisboa, Presença, s/d.
- _____. **Le problème de l'incroyance du 16 siècle**. Paris, A. Michel, 1974.
- _____. **Martin Lutero: um destino**. México, F.C.E., 1956.
- GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos**. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- _____. **Freud para historiadores**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989a.
- _____. **Freud: uma vida para nosso tempo**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989b.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- GOULDNER, Alvin. **Los dos marxismos. Contradicciones y anomalias en el desarrollo de la teoria**. Madrid, Alianza, 1985.
- HALL, Michael. *"O brilho da heterodoxia"*. **Leia**, São Paulo (105), jul. 1987.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.
- HILL, Christopher. **O eleito de Deus: Oliver Cromwell e a Revolução Inglesa**. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- HOBSBAWM, Eric. *"O ressurgimento da narrativa. Alguns comentários"*. **RH - Revista de História**. Campinas, IFCH/UNICAMP. Inverno 1991.
- KOSIK, Karel. **Dialéctica de lo concreto**. México, Grijalbo, 1963.
- LE GOFF, Jacques (org.). **A história nova**. São Paulo, Martins Fontes, 1990.
- _____. *"A história do cotidiano"*. In: DUBY, Georges e outros. **História e nova história**. Lisboa, Teorema, 1986.
- _____. *"Comment écrire une biographie historique aujourd'hui?"*. **Le Débat**. Numéro 54, mars-avril 1989.

- LEVI, Giovanni. *“Les usages de la biographie”*. **Annales, E. S. C.**, Paris, Armand Colin, 44 année, número 6, nov.-dec. 1989.
- _____. *“Sobre a micro-história”*. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo, UNESP, 1992.
- LIMA FILHO, Henrique Espada R. **História social e subjetividade: considerações em torno da biografia**. Trabalho apresentado no XII Encontro Regional de História da ANPUH/ Núcleo Regional de São Paulo. Campinas, 5 a 7 de setembro de 1994. mimeo.
- LOURO, Guacira Lopes. *“Que história estamos ensinando?”*. **Educação e realidade**, Porto Alegre, 8 (2):79-91, maio/ago. 1983.
- LUKES, Steven. Verbetes *“Indivíduo”*. In: BOTTOMORE, Tom (ed.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.
- MARX, Karl. *“O 18 brumário de Luís Bonaparte”*. In: **Marx**. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- _____. e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Lisboa, Presença, s/d.
- NETTO, José Paulo e FALCÃO, Maria do Carmo. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. São Paulo, Cortez, 1984.
- ORIEUX, Jean. *“A arte do biógrafo”*. In: DUBY, Georges e outros. **História e nova história**. Lisboa, Teorema, 1986.
- PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- PETERSEN, Sílvia R. F. *“A renovação da historiografia e o tema da vida cotidiana: desfazendo alguns equívocos”*. In: MAUCH, Cláudia e outros. **Porto Alegre na virada do século XIX: cultura e sociedade**. Porto Alegre/Canoas/São Leopoldo, Ed. da Universidade-UFRGS/Ed. ULBRA/ Ed. UNISINOS, 1994.
- PORTO ALEGRE, Aquiles. **Homens ilustres do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, ERUS, s/d.
- SCHMIDT, Benito Bisso. **Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945)**. Porto Alegre, Dissertação de mestrado em História - UFRGS, 1996.
- SOUZA-LOBO, Elizabeth. *“Emma Goldman - revolução e desencanto: do público ao privado”*. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 18, p.p. 29-41, ago.89/set. 89.
- STONE, Lawrence. *“O ressurgimento da narrativa. Reflexões sobre uma nova velha história”*. **RH - Revista de História**. Campinas, IFCH/ UNICAMP, Inverno 1991.
- SZALUTA, Jacques. **La psychohistoire**. Paris, PUF, 1987. p. 108.

- THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa I: a árvore da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- _____. **Miseria de la teoria**. Barcelona, Grijalbo, 1981.
- TORRES, Félix. "Du champs des Annales à la biographie: reflexions sur le retour d'un genre". In: **Problèmes et méthodes de la biographie. Actes du colloque**. Paris, Sorbonne, 3-4 mai. 1985.
- WELLMER, Albrecht. "*La dialectica de modernidad y posmodernidad*". In: CASULLO, Nicolas. **El debate modernidad/Posmodernidad**. Buenos Aires, Punto Sur, 1984.